



(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor: — **Dr. Manuel Marques dos Santos**
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.

Administrador: — **Padre Manuel Pereira da Silva**
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

CRÓNICA DE FÁTIMA

As comemorações religiosas do dia 13

A-pesar das intempéries da quadra invernal, o dia treze de Janeiro foi este ano assinalado por uma concorrência de fiéis sobremaneira extraordinária. Contribuiu sem dúvida para tal facto a circunstância, aliás bem rara, de ocorrer essa data num Domingo. O tempo esteve sempre agreste e frio, o céu coberto de nuvens duma cor plúmbea, e um nevoeiro denso e humido envolvia tôdas as coisas, não deixando por vezes distinguir os objectos, nem sequer a pequena distância.

Mas, no planalto sagrado de Fátima, durante a maior parte do dia, o sol incessantemente iluminou com a sua pouca luz e aqueceu com os seus tépidos raios o ambiente sobrenatural do logar das Aparições. A's onze horas, a multidão que se aglomerava junto dos santuários, no intuito de cumprir o preceito da audição da missa, é já considerável. No pavilhão dos doentes, só metade das bancadas do lado da epístola estão ocupadas. Os que se tinham apresentado no posto das verificações médicas e inscrito nos respectivos registos procediam, na sua grande maioria de Leiria, Torres Vedras, Ourém, Figueiró dos Vinhos, Valado, Belmonte e Santa Catarina da Serra e sofriam de paralisia, artréte do joelho, úlceras varicosas, reumatismo, tuberculose, ascite, anquilose, epilepsia, varises e outras doenças.

Realizaram-se, na forma do costume, mas sem o esplendor e a magnificência dos grandes dias de Estio, as duas procissões com a veneranda Imagem de Nossa Senhora do Rosário.

Depois da missa dos doentes, prégou sobre a devoção à Virgem do Rosário, estrêla mística simbolizada pela estrêla que apareceu no Oriente aos Santos Reis Magos por ocasião do Nascimento do Salvador do mundo, o rev.do Augusto de Sousa Maia, professor de sciências eclesiásticas no seminário diocesano e secretário particular de Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, venerando Bispo de Leiria.

A bênção dos doentes, seguida da bênção geral com o Santíssimo Sacramento e da procissão, fechou a série dos actos de piedade colectivos destinados a comemorar o dia treze.

Fátima e o Sumo Pontífice

Como uma pena mais autorizada e mais competente refere noutro logar do nosso jornal, dando a êsse facto o merecido relevo, o glorioso Pontífice felizmente reinante, Sua Santidade o Papa Pio XI, recebendo no dia nove do mês de Janeiro próximo findo, em audiência particular, os superiores e alunos do benemérito Colégio Português em Roma, dignou-se presentear-los com lindas estampas de Nossa Senhora de Fátima.

O grande e excelente diário católico de Lisboa «Novidades», no seu número de vinte de Janeiro, inseria uma carta de Itália, subordinada à epigrafe «Fátima em Roma» e tendo por sub-título «uma

oferta ao Papa», em que se narrava esse gesto do Supremo Hierarca da Igreja, que, seja qual fôr o seu significado, tem, em relação aos acontecimentos maravilhosos da Lourdes Portuguesa o mérito de conter em

bora altamente significativo, o Sumo Pontífice não pretendeu emitir o seu juizo definitivo acerca da natureza desses acontecimentos, mas também não sofre dúvida que ninguém poderá recusar-se a vêr

E tanto se impõe essa atitude do Papa, de modo nenhum banal e insignificante, que um ilustre Prelado, de grande autoridade pela sua virtude e saber, não hesitou em classificar tal facto, que ficará arquivado em letras de ouro nos anais de Fátima, como uma verdadeira «aprovação implícita».

Daqui, deste cantinho da «Voz de Fátima», o humilde pregoeiro das glórias de Maria Santíssima, Padroeira de Portugal, no seu santuário nacional, congratulamo-nos efusivamente com os piedosos alunos do Colégio Português, tão devotos da augusta Mãe de Deus, na certeza de que, agora na Itália e mais tarde na nossa Pátria serão sempre apóstolos zelosos e intemeratos da devoção à misteriosa Senhora Aparecida.

Nossa Senhora de Fátima em França

Duma carta do rev.do Fr. Gonçalo Maria Tavares, distinto filho da ordem de S. Domingos e grande apóstolo da devoção de Nossa Senhora de Fátima na nação cristianíssima, reproduzimos, com a devida vénia, os seguintes períodos, cuja leitura há-de por certo inundar de viva alegria tôdas as almas devotas da Mãe de Céu:

«Não me foi possível por causa dos meus trabalhos escolares, redigir o artigo que devia sair em Janeiro. Nada, porém, perdeu com isso a causa da Santíssima Virgem. Vai vêr de que maneira. Prevedo já o interesse, que a breve notícia publicada na «Révue du Rosaire», despertaria por tôda a França, o nosso querido Director mandou fazer, além da tiragem ordinária, uma tiragem suplementar de mil exemplares. Os pedidos de novas assinaturas afluíram uns após outros, e eis que o numero de Outubro se acha já esgotado!

Que fazer, pois os pedidos não cessam de ser feitos? Reeditar a notícia. E quando? Ao menos no mês, em que são feitas as novas inscrições. Ora este mês é o de Abril. Então, se Deus quizer, terei á minha disposição dez páginas de texto para refundir o primeiro artigo e falar dos ditos Videntes. Para isso uma coisa nos falta ainda: é o retrato de Lucia de Jesus, já religiosa. Por necessidade, peço-lhe encarecidamente.

Ha dias enviámos-lhe dois exemplares do numero de Dezembro, para que v. possa, pela descrição que dela é feita, julgar da importancia da grande Peregrinação do Rosário a Lourdes, onde foram celebradas pela primeira vez as inapagáveis glórias de Fátima. Prometemos-lhe igualmente o numero de Abril que se apresentará com novo aspecto e melhor traje.

E ainda não é tudo. Com a «Révue du Rosaire» publicamos também o «Bulletin du Rosaire Perpétuel», cuja tiragem mensal se eleva a cento e setenta e cinco mil exemplares. Pois bem! O nosso Bole-tim fez-se também o pregoeiro de Nossa Senhora do Rosário de Fátima. No curto espaço, de que pode dispôr, êle a tornará conhecida a seu modo».



Sua Santidade o Papa Pio XI

Em audiência concedida aos alunos do Colégio Português, em Roma, a 9 de Janeiro p. p., o Santo Padre ofereceu a cada um duas estampas de Nossa Senhora de Fátima — uma para êles e outra para suas familias — com a recomendação de orarem pelo Papa.

Passando ontem o aniversário da Coroação do S. Pontífice, a «VOZ DA FATIMA» apresenta as suas homenagens respeitadas e filiais ao augusto Vigário de Cristo na terra e pede aos seus leitores e devotos as suas orações por S. Santidade o Papa Pio XI.

respeito os adversários leais e de impôr ao menos um silêncio deferente e obsequioso aos poucos e cada vez mais raros contraditores no campo católico.

E' certo que, com êsse acto singelo, em-

nesse acto a manifestação duma simpatia do Chefe Visível da Igreja pela «Pérola de Portugal», como ainda ha pouco chamava à Fátima a revista espanhola «Sal terræ», uma das mais acreditadas do país visinho.

Nossa Senhora de Fátima na Bélgica

Dum jovem filho da benemérita Companhia de Jesus, todo abraçado no zelo do culto de Nossa Senhora de Fátima, mas cujo nome não estamos autorizados a revelar, transcrevemos o trecho que segue e que é sobremodo consolador:

«Vou escrever um longo artigo sobre Fátima no meu inglês *aportuguesado* que farei traduzir para inglês *inglesado*. Também o passarei para francês. Já ha quem espere para o traduzir em alemão, tcheco e húngaro. Estou certo que dois companheiros do ano passado, um polaco e o outro holandês, o quererão traduzir também nas suas línguas, logo que tenham conhecimento dele. Mas o essencial é que a minha edição saia bem e interessante. Com os sublinhados de v. no «Manual do Peregrino de Fátima» e os «interrogatórios» às oriações estou que se pode dar interesse. E depois são factos que se impõem.

Aos franceses pouco falo destas cousas; faço-o sobretudo com os estrangeiros. A's vezes ficam perplexos, v. g. porque também ha anos houve na Hungria peregrinações a uma Senhora que apparecera não sei onde, peregrinações que por fim acabaram, segundo parece. Mas, no nosso caso, quando elles vêem a letra redonda as fotografias e radiografias e as assinaturas do Senhor Bispo de Leiria, logo acatam respeitosa.

Com estes elementos mais crescerá a ansiedade de saber o que ha objectivamente. E aquelas curas do número da «Voz da Fátima» de Novembro?

Crianças cegas de nascença e aquela pobre mulher tida por morta? Estou ansioso por vêr a confirmação destas curas, porque não pode deixar de dar para o capítulo dos milagres.»

Uma apóstola de Fátima

Reproduzimos a seguir alguns períodos duma carta edificante escrita por uma distinta e piedosa senhora da arquidiocese de Braga no regresso duma sua viagem à capital: «Peço orações por um tuberculoso com quem fiz a minha viagem até Nine, mas, coitado, talvez mais doente da alma do que do corpo,—um descrente. Contou-me a sua história e que pena me fez quando me disse, depois de me ter descrito toda a sua doença, o número de médicos que tinha consultado, etc., e eu lhe perguntei se tinha ouvido falar em Nossa Senhora de Fátima: «Eu não tenho Fé». Pobresinho! Contei-lhe muitos milagres de Fátima, pedi-lhe que todos os dias rezasse três Ave Marias, implorando o dom da Fé. Prometi mandar-lhe água de Nossa Senhora de Fátima e já lh'a mandei juntamente com uma medalhinha e a oração que a Santíssima Virgem ensinou aos pastinhos «O' meu Jesus, perdoai-nos, etc». Ele prometeu fazer uma novena e eu prometi pedir a todas as pessoas da minha amizade que implorassem da Virgem Nossa Senhora a sua cura.

Que as almas piedosas supliquem fervorosamente a conversão desse infeliz e, se se alcançasse a graça seria mais um milagre a registar na «Voz da Fátima» para maior honra e glória da nossa Santíssima Mãe do Céu.

Fátima, a pérola de Portugal

Fátima, a minúscula e singela aldeia alcandorada num dos contrafortes da serra de Aire, era ainda hontem a mais ignorada das aldeias de Portugal e o seu nome bendito ecôa hoje nos diversos recantos do mundo inteiro, impondo-se a todos como uma esperança fagueira e uma encantadora promessa.

Por toda a parte, no velho e no novo mundo, nas nações cultas da Europa e da América e até nos sertões adentro da África e nas ilhas perdidas na imensidade do Oceano, as multidões voltam-se ansiosas para a terra das aparições e dos prodígios, para a Lourdes portuguesa.

E a Gloriosa Rainha do Céu, que escolhe como lhe apraz os tronos do seu amor e da sua misericórdia, parece comprazer-se em derramar graças e bênçãos preciosíssimas sobre os seus filhos queridos, que pertencem a diversas nacionalidades e a invocam com confiança e amor. Fátima, a Jerusalem do Ocidente, é d'oravante, mais que nunca, o pólo magnético das almas e o centro de atracção dos corações, no universo inteiro. Essa terra, tão pobre e ha pouco tão desconhecida, pode com razão ser chamada a Cidade do Rosário, como Lourdes é chamada a cidade da Imaculada, e é verdadeiramente e será para sempre a «Perola de Portugal».

Visconde de Montelo

AS CURAS DE "FÁTIMA,"

Paralisia

Isilda do Carmo Silva, de Alcácer do Sal, informa:

«A signatária da presente carta vem perante V. Ex.ª, para que se digne tornar público, por intermédio do muito lido e apreciado porta-voz da cristandade portuguesa, o facto deveras miraculoso obtido em 13 de Junho de 1928, ao tomar a comunhão e muito especialmente a quando da benção do S. Sacramento no Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, por ocasião da peregrinação efectuada. E o facto resume-se no seguinte:

Desde 19 de Março de 1924 que vinha sofrendo horrivelmente da mão e braço esquerdo, que se encontrava completamente aleijado, paralisado.

Recorri bastas vezes á acção da sciência, estando por duas vezes internada no hospital de Santa Marta, da cidade de Lisboa, sem que melhoras, poucas que fossem, conseguisse obter. Sofri, como digo, horrorosamente e, de tal, ha conhecimento de todo o público desta vila que teve occasião de verificar a minha desgraça.

Mas, não desesperando, animava-me a Fé numa cura, e daí os rogos e preces que fiz á Virgem Nossa Senhora do Rosário de Fátima, preces que, por sinceras, foram ouvidas e me deram coragem á visita



ISILDA DO CARMO SILVA,
de Alcácer do Sal

que fiz á Mãe Santíssima no aludido dia 13 de Junho de 1928.

Como refiro, depois de comungar senti melhorar sensivelmente, e a quando da benção solene do S. Sacramento já mechia e sentia bem mão e braço até então paralisados.

E porque tal milagre se operou de molde a hoje gosar de perfeita saude e sem defeito, por esta forma e mais uma vez dou louvores á Virgem Nossa Senhora de Fátima.

Que todos atentem neste facto que é do conhecimento geral da população alcacerense!»

Hernia

José Pedroso de Sousa, de Vale do Frade, fregesia da Barosa (Leiria), escreve o seguinte:

«Como considero um milagre feito por Nossa Senhora do Rosário da Fátima, a cura de meu filho José, de idade de dois anos, peço a V... se digne publicar, se achar conveniente, o seguinte caso:

Meu filho era quebrado desde pequenino, e de cada vez a padecer mais. Era horrível vê-lo sofrer tanta dor, que metia dó. No dia 13 de Setembro de 1928 indo eu e minha mulher com ele a Fátima, nesse mesmo dia, pedimos com tanta fé, que Nossa Senhora do Rosário de Fátima o curou completamente. Desde esse dia, nunca mais o meu filho padeceu.

Assim como também venho agradecer a cura da minha perna esquerda onde durante dois anos sofria duma infecção terrível que me não deixava governar a vida. Graças a Nossa Senhora do Rosário de Fátima, fazendo a lavagem com a água miraculosa e uma novena, melhorei por completo.

Muito tenho a agradecer a Nossa Senhora do Rosário de Fátima tão grandes benefícios.

Vale do Frade, 8 de dezembro de 1928»

Furúnculos e infecção nos rins.

«Cheia de reconhecimento para com a minha Querida Mãe do Céu, não posso por mais tempo ocultar tantas graças e benefícios que a Virgem SS. de Fátima me tem concedido! Vou narrar algumas dessas graças (pois todas, seria impossível!) para maior fervor e confiança dos fiéis e muita honra e glória a Maria Santíssima. Durante três anos sofri horrivelmente de furunculose, chegando a contar oitenta furunculos. Já desanimada, porque tendo recorrido durante muito tempo á medicina, não tinha termo tão grande mal, um dia cheia de confiança, disse, voltada para uma imagem de Nossa Senhora de Fátima, que, se a minha Mãe SS.ma me melhorasse, eu voltaria a Fátima... O' prodígio! imediatamente fiquei curada, não tornando a sofrer de tão grande mal.

Devido a uma forte gripe que me atacou a laringe, estive sem voz durante nove mezes. Recorri á medicina, a especialistas, mas sem resultado, recorri de novo á protecção de Nossa Senhora de Fátima e a voz voltou logo, sentindo-me completamente bem.

Outra vez sentindo-me muito doente da vista que durante três dias e três noites não pude cocegar, as dores que me causava á cabeça eram terríveis, recorri com muita confiança a Nossa Senhora de Fátima, pedindo-Lhe me valesse e me livrasse de tão grande mal. Imediatamente me senti bem, o que me causou uma tal comoção, que não pude deixar de exclamar em gritos, mesmo sem querer: «estou curada, estou curada» e todos em casa ficaram impressionados com este facto.

A ultima graça que recebi foi a cura dum filho, creança de cinco anos e meio, atacado duma infecção nos rins. Esteve muito mal e até o próprio médico deu cuidado. Muito aflita, recorri a Nossa Senhora de Fátima por meio duma novena e bebendo a creança a água de Fátima, ele próprio pedia a água quando se sentia mais mal. Nossa Senhora atendeu tantas supplicas e no fim da novena o menino estava livre de perigo, e para maior declaração do miagre, teve ordem do médico para se levantar a primeira vez, no dia 13 desse mês, sem ninguém pensar ou se lembrar que data era essa! Esta graça foi concedida em outubro ultimo, e prometi a Nossa Senhora ser assinante da «Voz de Fátima» o que já fiz, testemunhando a minha eterna gratidão para com Nossa Senhora de Fátima.

Elisa do Resgate Ferreira

Belas, 11 de Janeiro de 1929.

— A Ex.ma Sr.ª D. Elisa do Resgate Ferreira é pessoa piedosa e digna de crédito, e por isso creio verdadeiro tudo o que narra nesta sua carta.

Lisboa, 12 de Janeiro de 1929

P.e Antonio Rodrigues Soares»

Prova de gratidão

«A' minha Mãe misericordiosíssima quero erguer a minha voz humilde, bem alto, para proclamar a infinita misericórdia, bondade e amor de nossa Mãe querida N. S.ª do Rosário de Fátima, para com os seus desgraçados filhos; para que todos que tenham aflições, recorram a Ela cheios de confiança, porque Ela ouve-nos apesar da nossa indignidade.

Tive uma grande aflicção no dia 13 de Fevereiro de 1928. Recorri cheia de esperança a minha Mãe, pedindo-Lhe que me acudisse.

Rezei o terço e durante a recitação dele por três vezes, senti como que um bálsamo percorrer-me toda, e presentia o sorriso da Virgem, adejando sobre mim! Sentia uma alegria tão íntima, que não sei explicar!

Fiz as minhas promessas, e entre elas publicar a graça recebida no dia 13 de Fevereiro de 1928, para que todos os que lessem estas simples frases, mas eternas de gratidão á minha SS. Mãe, a Ela recorram sempre em identicas circunstancias.

A mais indigna das suas filhas»

A verdadeira razão e a verdadeira sabedoria é o saber moderar-se.

Bossuet

LIÇÃO OPORTUNA

Quem visitar o Museu da Catedral de Segóvia, encontra entre os vários quadros ali existentes, um bastante impressionante pela inevitável meditação que o assunto oferece. Naquela tela poz o autor toda a realidade da vida, realidade que todos conhecem, mas que ali é apresentada duma maneira esmagadora.

A um cadáver que a putrefacção começou a decampôr, saem de todos os lados bichos enormes roendo por toda a parte a carne enegrecida e ainda envolta em restos de ricas roupagens.

E' o aspecto repelente e nauseabundo, dum corpo que voltou à terra.

Ao lado, estão depostas... abandonadas... riquezas e honrarias... ouro... um scétro e outras glórias do mundo.

E uma frase que todos conhecem, mas que poucos applicam, aflora aos lábios como que explicando o pensamento que o autor ali concretizou. De que serve ao homem ganhar o mundo inteiro... se deixa tudo à beira do tumulo?

Este quadro lembra outro não menos interessante pois que esse é vivo...

E' na Bélgica, numa abadia em Louvain.

Quem nela entra, depára com uma coisa que facilmente poderá passar despercebida, mas que uma vez notada é motivo de profundas reflexões.

Na capela-mór da igreja conventual, ergue-se do lado da Epistola a cadeira do Padre Abade. E do lado do Evangelho, em frente desta cadeira, ha um monumento em forma de tumulo donde pende uma placa de mármore, onde se vêem gravados os nomes de todos os abades havidos naquela abadia.

Cada nome é seguido das datas principais da sua vida desde o nascimento até à morte.

A ultima linha escrita está incompleta. E' que se lê nela o nome do abade existente seguido tambem dalgumas datas, mas, deixando ainda em branco e seguida de três pontinhos a palavra com que todas findam: morreu...

E aquele padre, sentado na sua cadeira, tem continuamente deante dos olhos aquela frase que lhe lembra o dia em que a sua passagem desta vida para a outra a irá terminar, juntamente com a pedra que ha-de rolar sobre o seu tumulo.

Que meditações salutareas aquela placa, lhe não sugerirá... Porque se eleva acima dos outros pela dignidade de que está investido, mais lembrado lhe é, que ha-de voltar ao pó da terra.

E' o pensamento da morte, principio da vida eterna, orientando toda a sua existencia.

E' a luz da verdade iluminando toda a sua vida.

Ah! se todos nos compenetrássemos bem da ideia de que um dia havemos de deixar tudo o que é do mundo, como a orientação da nossa vida seria outra!

Como nos despiriamos de tudo o que é vaidade, orgulho e amor próprio para só nos revestirmos daqueles sentimentos elevados que são o apanagio das almas nobres!

Como procuraríamos arranjar com mais ardor, tesouros sim, mas tesouros daqueles que longe de ficarem à beira do tumulo, acompanham a alma nas regiões eternas e são o penhor da bemaventurança!

Pensemos na brevidade da vida em confronto com a eternidade e, inoculemos bem fundo na nossa alma, as palavras que a santa Igreja na sua liturgia põe deante de nós no dia de hoje:

Memento, homo, quia pulvis es et in pulverem reverteris.

Ancilla Domini

Confraria de Nossa Senhora do Rosário de Fátima

A 15 de Janeiro de 1928, foi canonicamente erecta pelo Ex.mo e Rev.mo Senhor Bispo de Leiria, a Confraria de Nossa Senhora, do Rosário da Fátima. Até ao presente não tomou, talvez, ainda o desenvolvimento desejado por Nossa Senhora, vistos os fins altamente santos desta Confraria, como consta dos estatutos publicados na «Voz da Fátima» de Fevereiro de 1928.

Durante o ano de 1928, a receita proveniente das quotas e esmolas dos confrades, entregue, no Seminario de Leiria, aos membros gerentes desta associação, foi de 1.763\$20. A despesa no mesmo ano, com a impressão de listas, patentes e outras despesas, foi de 1.073\$50, havendo portanto,

em favor da Confraria um saldo positivo de 689\$70. Como, segundo o artigo 4.º dos estatutos, metade deste saldo deve ser aplicado na celebração de Missas segundo os fins da Confraria, foram mandados ao Ex.º Senhor Patriarca de Lisboa 342\$00 para serem celebradas por seu clero 57 missas da esmola de 6\$00. Os restantes 347\$70 ficam em poder da direcção para fins uteis à confraria, conforme o artigo 4.º dos estatutos da mesma.

Seria muito para desejar, que muito mais pessoas se inscrevessem nesta confraria que tem em vista, não propriamente arranjar dinheiro, mas sobretudo a conversão dos pecadores, o cumprimento dos preceitos de Deus e da Igreja, e a santificação dos confrades pela prática da Comunhão e participação dos sacrificios, boas obras e mortificações dos doentinhos. Está actualmente, por ordem do Ex.º Prelado, encarregado da administração desta Confraria, o Rev.º P.e António dos Reis—Seminarista de Leiria, a quem podem ser dirigidas as necessarias correspondencias.

Voz da Fátima

Despêsa

Transporte	136.700\$98
Papel, composição e impressão do n.º 76 (51.000 exemplares)	3.052\$75
Sêlos, embalagem, transportes, gravuras e outras despesas	885\$78
	140.612\$51

Subscrição

Janeiro de 1928

Enviaram dez escudos para a assignatura anual: Clara Martins de Castro (Mou-tinho), Maria Martins A. Almeida e Castro, P.e António Domingues Nunes, António Marques Serra, António d'Oliveira (40\$00), Maria Henriqueta Dias, Julia Sottomator, Maria Guilhermina Sampaio, Joana de Menezes (5\$00), Maria do Carmo Vinhos Cabrita, Emilia Cabrita Viola Maria Ramos Soares (20\$00), Frederico Augusto Egrejas (50\$00), Maria d'Assumpção Queiroz d'Azevedo (25\$00), Maria Gabriela de Souza e Silva, Augusto Paizinho, Joana Segurado Cordeiro, Silvestre Bernardes da Custodia, Director da Casa de Saude de S. João de Deus de Barcelos, Josefa Castanheira, Maria Manuella de Vasconcelos, P.e Joaquim Ferreira Gonçalves das Neves, Rosa de Jesus Leite (20\$00), P.e Domingos José da Costa Araujo, Albina Torres, Manuel Antonio do Vale Torres, Dionizina Queijinho, Geneveva Farinha, Abil Gil Ferrão, Joaquina das Dôres Santos Nunes, Olga Pinheiro Moreira Rangel, Agostinho d'Oliveira Correia e Sá, Maria Carneiro Lopes Martins, Maria Amalia Pires Carneiro de Abreu (20\$00), Maria Martins Moreira de Castro, Margarida Lopes da Silva (20\$00), Maria José e Maria Julia Henriques, Maria da Luz Pereira Rodrigues, Amelia Brazão Machado, P.e Daniel Carreira Rana, Elmira da Cruz Corte (50\$00), Maria Olimpia Margarida Rita dos Santos (20\$00), Elvira de Carvalho (20\$00), Maria Eduarda Vasques da Cunha de Lencastre, Joaquim Pereira, Anibal Mata (12\$00), Armanda Medina, Maria da Assumpção Souza Pinto, Ana da Costa, Lucrécia de Jesus Leitão (20\$00), Rosa d'Oliveira Miranda (15\$00), José Lourenço Fernão Pires (20\$00), Luiza Guimarães, Antonio José Rodrigues Pereira, Margarida Martins (20\$00), Carolina da Silva Oliveira (20\$00), Perpetua Furtado Pereira dos Reis, Venina Alves Peixoto, Berta Pereira Teixeira de Almeida (20\$00), Maria Lorêto Saraiva, Carlota Cardoso de Almeida Vaz Pinto Gerales, Ricardo Cardoso de Almeida, Antonia da Conceição Evaristo, Gertrudes Rego Cordeiro, Julia Eliza Pinto Valente, Maria das Dôres Fernandes Pedroso, Assumpção Lucas, Antonio Garcia, Miguel Antunes, Ernesto da Cunha Araujo, Amelia da Cunha Brochado, João Henrique d'Araujo, Gualdina de Queiroz (20\$00), P.e Bento da Silva Bravo, Francisco Pinto, Abilio Martins dos Santos, P.e Miguel Jorge, Antonio Rodrigues Coelho, Manuel Antonio Ribeiro (20\$00), Elvira Vidal Paulino, Alcina Rego de Bourbon (Lindoso), Emilia Moita (15\$00), P.e Manuel Francisco dos Santos, Albino Cardoso, Ernesto Cardoso Alves, P.e Joaquim Gonçalves Dias, P.e José de Ceija, Amelia Duarte de Carvalho (20\$00), Maria Otilia Rocha, Manuel Urbano Alves (15\$00), Maria Emilia Teixeira, Maria Rodrigues, Belmiro Pinheiro da Fonseca, Adelaide Sofia Prego Lira, Julio Padrão, Maria de Magalhães Barros, Emi-

lia Leite da Costa Faria, Antonio Fernandes Braga, Maria Rosa de Almeida, Maria Rosa de Almeida, Beatriz Maria da Conceição, J. Vicente (25\$00), Adriano Venancio Coelho, Mariana Faleiro Meira, Herminia Ferreira Lencastre, José Augusto Marques e Melo (20\$00), Julio Ribeiro da Silva, Armanda Lencastre e Silva, Anonima, Joaquim Santiago, Elias da Silva Machado (50\$00).

De Jornais: Joaquim da Silva Carvalho, 77\$80; Dr. Sabino Marques, 70\$00; Zulmira Galhardo, 70\$00; Maria das Dôres Tavares de Sousa, 65\$50; Maria Adelaide de Marques de Souza; 40\$45; Luciano Leandro Pires, 170\$00; Eugénia da Nobrega, 626\$00; Maria do Carmo L. Bazilio, 21\$70 Heriqueta Godinho, 40\$00; Antonio Soares Monteiro, 50\$00; Elmira da Cruz Corte, 150\$00; P.e Evaristo Carreiro Gouveia, 60\$00; Maria Gil de C. Novoa, 150\$00; Julio A. de Assis, 50\$00; Amelia Soares, 61\$00; Augusto Cosme, 50\$00.

Esmolas obtidas em várias Igrejas quando da distribuição da "VOZ DA FATIMA"

Na Igreja do SS. Coração de Jesus, em Lisboa, por mão da Ex.ma Snr.ª D. Maria Matilde da Cunha Xavier, em Dezembro de 1928 26\$30
Idem, idem, em Janeiro de 1929 33\$40

Amores de jardineiro ...

- Padre Nosso...
- Padre Nosso...
- ... que estais no céu...
- ... que estais no céu...
- ... santificado seja o vosso nome...
- ... santificado seja o vosso nome...

Era já a quarta ou quinta vez que junto dum grupinho de creanças da sua aldeia um seminarista repetia as palavras sublimes da Oração Dominical para que da repetição aquelas creancinhas acabassem por a aprender também.

De vez em quando uma lá se distraía a olhar algum passarito que voava ou que ali pertinho sobre as laranjeiras chilreava alegremente como a querer orar também com a sua voz cristalina e encantadora.

Mas por mais distrações nunca viram o mestre perder a paciência; nunca o seu rosto perdeu aquela linha suave em cuja vista as creanças se prendiam e deliciavam imensamente.

Era por isso que elas progrediam a olhos vistos. De semana a semana abriam-se-lhe deante novos horizontes pelo conhecimento de mais alguma verdade cuja fórmula cuidadosamente explicada elle lhes ia fixando na memoria.

Aquele grupinho reunido assim em volta do seu mestre fazia evocar a imagem suave de Jesus Menino entre os meninos da sua terra ou mais tarde durante o tempo da sua vida publica ensinando os discípulos.

Dir-se-hia que abrindo apenas para a vida aquelas almitas embalsamavam já o ambiente com o seu todo de innocente candura.

E o coração ia-se pouco a pouco abrindo em amor por aquele Jesus de quem o jovem mestre deixando por vezes a aridez das fórmulas lhes falava longamente.

E como elle falava!... Ah! Então não havia distrações. Enamorado por Jesus enamorava d'Ele também aquelas creancinhas a quem parecia sempre curto o tempo desses entretenimentos.

Asim é que, mal balbuciavam ainda o Padre Nosso e já conseguiam estar devotamente deante de Jesus Sacramentado que sabiam esconder-se por amor das de baixo das aparências daquela ostiazinha que as pessoas grandes iam receber. E anelavam já com toda a força do seu coração virginal pelo dia em que O iriam também receber.

De envolta com estas tenras plantas do jardim de Jesus estavam por ali em vasos e pela terra muitas plantas dum jardimzito que nas horas vagas o seminarista ia cultivando.

Sentia-se bem ocupando o tempo nestes esparecimentos e era com prazer que via crescer, desenvolver-se e florir cada uma das plantas que elle puzera ou cuida-

ra ao menos durante o tempo de férias.

As primicias e as flores mais lindas levava-as sempre para as jarras que collocava junto do Sacrário.

E a visita naquele dia era mais fervorosa.

Parecia que o Bom Jesus lhe pagava logo em parte a sua delicadeza.

Mas ás vezes passava-lhe na alma uma nuvem de tristeza. Aquellas plantas a que elle agora dava tanto mimo, como haviam de resistir ás intempéries durante todo o tempo da sua ausência? E quasi chorava ao lembrar-se da maneira como as encontrara, da maneira como as encontraria sempre no principio de férias—cobertas de ervas daninhas umas secas, outras quasi,—tudo aquilo a meter dó.

Mas duma vez parou na sua faina junto dum lindo craveiro côr de rosa, em plena florescência, a quem elle tirava folhas secas, levantava as hastas caídas e dava uma disposição agradável e elegante.

Ergueu-se e ficou pensativo a olhar ao longe uma coisa que elle não fitava, que elle nem tão pouco sabia o que era.

Toldou-se-lhe o olhar e foi-se sentar no banco onde todos os dias as creanças da doutrina o vinham cercar á tardinha.

E' que as plantas do seu jardim facilmente reverdeciam ou seriam substituidas mas aquellas do jardim de Jesus... tão tenrinhas...

Quem as havia de amparar e defender? Tanto tempo sem terem quem lhes falasse de Jesus e lhes minorasse a fome de que já pegavam a sentir...

— O snr. prior?

— Mas o Snr. prior não chegava para as encomendas. Sacramentos, entêrros, as missas ao domingo e depois o serviço de escrituração absorviam-lhe o tempo todo.

Era porisso que elle o animava, e suspirava pelo dia em que o visse subir os degraus do altar pois tencionava pedi-lo para coadjutor. E não havia por ali mais ninguém...

Haver? havia... mas não queriam.

Iriam secar aquelas plantazinhas.

Aquella ideia negra mal o abandonava lá de quando em quando.

A' hora da catequese retomava de ordinário aquele semblante alegre e desanuviado a que os seus olhos negros e fundos imprimiam uma nota de muita meiguice.

E após aquella espécie de resumo e prática com que elle encerrava a sua lição ia brincar e chihrear com elles.

A natureza pujante de vida nos milharaes verde-escuros de altivas bandeiras erguidas, nos pampanos das videiras embalsando-se emaranhadamente, no ar diáfano que ali se respirava, no cantar argentino e sonoro que irrompia dentre as terras—convidava a enquadrar-se e cantar e gozar e folgar também.

E elle sabendo que lho não proib'a a virtude desde que o fizesse no Senhor, acorria pressuroso ao chamamento da natureza.

Folgava também...

Foi assim que, creança entre as creanças—o foi encontrar uma senhora do seu lugar e que ás vezes gostava de trocar impressões com elle.

Naquelle dia viera mais cedo. Fôra sem dizer nada até ao seu local favorito onde a familia dissera que elle estava a ensinar a doutrina.

— Bela doutrina, sim senhor!... Ora assim é que é ensinar!...

— Tudo é preciso, minha senhora, diz elle vindo-lhe ao encontro para a cumprimentar. Dá-me licença que despeça a minha pequenada?

— Como quizer. Mas a mim não me incomodam. Até gosto de os ver brincar.

— Já brincámos muito.

— Parece-o. Pela maneira como está suado.

— Podem fazer falta aos pais. Faz-se noite; é preciso que elles acarretem lenha e água para a cozinha, não é?

E voltando-se para os pequenos que tinham ficado quasi parados na ausência do seu chefe:

— Podem retirar-se. Vão direitinhos a casa e vão depressa. Até amanhã se Deus quizer.

— Até amanhã se Deus quizer.

— O Senhor arrepende-se.

— De quê?

— De quê?! Destes excessos que faz. Isto cansa-o, prostra-o. Não vê como está esfaldado?

— Isto é hoje.

— E' hoje, foi ontem, será amanhã e todos os dias até que o médico o proiba por completo mas quando já talvez não tiver remédio.

— Vem hoje muito trágica. Deixemos esse assunto que não interessa.

— Não interessa? Pois o senhor não vem a férias para descansar?

— Sim e então?

— E então é assim que entende descansar?

O seminarista tomou um ar recolhido e grave e retornou-lhe em tom seguro:

— Sim, minha senhora, eu descanso a trabalhar.

— Isso é contraditório.

— Perdão. E' que há trabalhos que se fazem com tal prazer que descansamos entregando-nos a elles.

— ?!

— Este é um desses trabalhos. Gozo e descanso no meio d'ele.

— Devéras?

— Devéras.

— Sim, mas o senhor confunde o descanso do corpo com o gozo e o prazer da alma. Eu admito que sinta um prazer espiritual mas ha-de conceder que fica fisicamente cansado.

— Fico, lá isso é verdade. Mas é tão grande a consolação que sinto que até disfarça o cansaço.

Ah! Se soubesse que inefável gozo sinto neste humilde mister de catequista? Sinto-me padre por momentos antes de o ser:

— Padre? Na imaginação...

— Mais. Padre quer dizer pai. E eu ao formar pouco a pouco na piedade e no conhecimento de Deus estas alminhas em botão, sinto despertar dentro dalma todo o affecto todo o amor duma paternidade espiritual.

E experimento as graças especiais que o Senhor porisso me concede.

E pensar eu que todos os fiéis podiam assim participar desta paternidade formando as almas para Deus...

Ah! Não queira tirar-me o enlêvo da minha vida de férias. São os mais belos momentos da minha vida de cada dia, depois da Sagrada Comunhão, em que me vejo elevado á dignidade de cooperador da Divindade.

Isto quanto a mim.

— Quanto a si? E a sua saude?

— Sim, porque, quanto a elas... não teria a coragem de as deixar agora?

— Porquê? Fez algum contracto?

— Não, minha senhora. Mas, diga-me, não é uma dôr de alma ver um engeitadinho? Pois estas creancinhas seriam uns engeitadinhos espirituais. Não, não posso deixá-las. Bem basta que o sejam durante o tempo em que estou no Seminário.

Que tristeza não haver aqui ninguém que queira colaborar com os sacerdotes dando Jesus ás almas!

— Mas então que é preciso para ser catequista?

— Um nada. Conhecer bem a doutrina cristã, senti-la, vivê-la.

— Pois bem, com a ajuda de Deus eu vou começar a ensinar o seu grupinho e continuarei pelo ano fora. Mas o senhor vai descansar.

— Agora sim, com muita pena e prazer: pena de os abandonar, prazer de chamar uma alma a este apostolado.

Mas rescansar por um pouco apenas a ganhar novos brios para a minha futura vida sacerdotal.

Já lá vão seis anos desde o dia em que se passou esta scena.

O seminarista de então é hoje sacerdote e trabalha com afino e crescente ardor na grande obra da catequese na sua freguesia, convencido de que é ela a primeira e mais urgente obra paroquial.

A senhora, essa lá continua na sua faina, grata ao Senhor por um dia lhe ter feito encontrar o meio de, entre flores, com trabalho aturado... e abundantes consolações, o poder servir mais perfeitamente.

Que surjam imitadores nas mais pequenas e humildes aldeias como nos grandes centros para levar Jesus ás almas de tantas creanças e tantos adultos que O não conhecem!

Cuidado!...

O «El Dio de Palencia» trouxe a seguinte narração, feita em suas colunas pelo Dr. Pínel de Arrila:

«Emquanto prégava com ridente entusiasmo o sacerdote palentino P.e João Martin, deplorando amargamente os frequentes e graves pecados que se cometem hoje, particularmente com a blasfêmia e a profanação dos domingos, com o luxo e a imodéstia do traje das senhoras, quasi nuas nas igrejas, a côr branca da Santa imagem de Cristo ia-se mudando em pardo escuro e exactamente no momento em que o prégador pronunciava a frase comum, isto é, que *um centímetro mais de decote e um centímetro menos de saia constituiriam um ofensa ao pudor público*, punível pelo código penal, a côr da imagem tornou-se quasi preta e produziu ao redor de si tamanha escuridão que fazia desaparecer as duas lâmpadas eléctricas que projectavam luz sobre a imagem.

Os olhos do Crucifixo continuavam a brilhar vivamente, porém com um sinistro fulgor. E aqueles olhos tão meigos e resignados, mudaram-se num olhar duro e ameaçador, a ponto de muitos dos circunstantes romperem em fortes gritos de perdão e em propósitos de arrependimento, caindo de joelhos como se fôsem impelidos por uma força oculta, irresistível.»

A EUCARISTIA E O CEU

Santa Teresa aparece ao P.e Jeronimo Graciano no 1.º domingo de Quaresma de 1583 e diz-lhe (é ele mesmo que conta) «Nós que estamos no Ceu e vós que estades na terra, devemos ser a mesma coisa em pureza e amor; nós, gozando, vós sofrendo. O que nós fazemos aqui com a essência divina deveis vós fazer aqui com o Santissimo Sacramento. Dizei isto a todas as minhas filhas.» Esta visão não durou senão um instante mas deixou impressos no meu coração quatro desejos: o de conservar a pureza da alma e de amar a Deus e ao proximo, o de sofrer por Jesus Cristo e o de louvar e honrar o Santissimo Sacramento.

Estas quatro coisas teem sido para mim, desde então, a fonte de um grande bem.

(A missa ao domingo, para muitos cristãos)

Há, por esse mundo além, pessoas que pensam fazer um grande favor a Deus indo passar uns escassos vinte minutos à igreja ao domingo, à hora da Missa rezada.

Há, entre elles, muitos que não fazem nenhuma ideia do que se passa na sua presença, nem do que seja a Missa. Vêm por um velho hábito, tal qual como iriam à feira ou a casa duma pessoa estranha.

Passam todo aquele tempo a pensar nos seus negócios, a olhar e a conversar. Outros, conservam ainda uma vaga lembrança do que aprenderam nas instruções do catecismo e desejam cumprir um acto religioso.

Mas que desdenhoso desleixo!

Chega-se o mais tarde possível, nem livro de orações nem terço. Ajoelha-se um instante à elevação, mais vezes com um só joelho que com os dois, na posição mais indelicada e desrespeitosa possível. Outro dorme ou examina curiosa e minuciosamente todos os que entram e saem. Faz-se barulho, escarra-se, mostram-se sinais de impaciência e de aborrecimento. E como não teem nada que dizer a Nosso Senhor, mal o ultimo evangelho começa já elles estão fóra da igreja. Pobres cristãos! Que valor pode ter deante de Deus uma Missa ouvida assim?

Vós todos, que lêdes essas linhas, examinae se não tendes alguma falta semelhante a pesar na vossa consciência e lembrai-vos de que o sacrificio da Missa é o mesmo da cruz e que enquanto Jesus está no altar a imolar-se por vós, mostraes vós que, longe de lh'o agradecer, não só lh'o não agradeceis mas vos mos-

trais aborrecidos e desprezais o seu amor. E não ha nada que mais dôa do que esta falta de gratidão, de indiferença, desprezo e quasi hostilidade.

Em face do pecado Todos apóstolos

(Carta de M. Leon Harmel a sua filha, religiosa clarissa)

«Nestes tristes tempos há como que um dilúvio de pecados que cobrem até as mais altas montanhas.

Tu entraste na arca e eu aqui fiquei no meu pobre esquite.

Tu escolheste a melhor parte e a mais segura.

Estou no meio do pecado, vivo a lutar e a ser vencido. O meu coração está numa dôr contínua. Não sómente o amor não é amado, mas é a cada momento ultrajado e cruelmente ferido.

Luto contra o pecado, mas algumas vezes a minha impotência me despedaça. As minhas misérias pessoais aumentadas com todas as misérias que me rodeiam constituem um péso demasiado forte para os meus fracos ombros.

Esta é a razão porque eu peço o teu auxilio. Toma sobre ti o meu fardo. Carrega-te dos pecados que me incumbem a fim de que a misericórdia os apague.

Porque é que os caminhos do inferno vão tão cheios? Porque é que os ouvidos da nossa alma estão tão dilacerados por medonhas queixas, gritos de dôr repetidos pelos ecos da Eternidade? Porque Jesus Cristo não tem cooperadores suficientes. Não há porta-pecados que cheguem e nas praias da Eternidade Jesus estende para os seus fiéis os seus braços supplicantes, conjurando-os a vir em seu auxilio.

Pobres pecadores! Não viram ainda a luz ou, se a conheceram, vieram nuvens, nuvens das paixões, nuvens de obstáculos voluntários...

Quando eu olho para mim mesmo, sinto-me cheio de terna piedade para com os pecadores. Julgo-me capaz de cometer todos os crimes que elles cometeram...

Sem a mão de Deus a amparar-me eu teria rolando nos mais profundos abismos, porque, diga-se toda a verdade, eu sinto-me o peor e mais corrompido dos homens. Não é, pois, de mais que eu me consagre à salvação dos pecadores para pagar a minha dívida de gratidão a Deus, meu Salvador.

Uma alma salva, é uma flôr que durante toda a eternidade encantarâ os olhos e o coração do Muito-Amado.

Tu aceitaste esta missão, minha filhinha, e queres (não é verdade?), dar-me todos os teus bens presentes e futuros para os meus pobres, muito amados, os operários da fábrica, à salvação dos quais Deus legou a nossa família e as nossas vidas. Faz propaganda e trata de me arranjar para-raios, digo, para-pecados, porque tenho uma carga imensa dêles a dividir.»

O bolso de pedras

A um blasfemo e praguejador que não achava meio de emendar-se, mandou o confessor que, por cada praga ou obscenidade que vomitasse, metesse uma pedra no bolso.

Aceitou o homem a penitencia e tratou de a cumprir.

Mas tantas eram as pedras, que os bolsos já não resistiam.

A mulher que todos os dias tinha de remendá-las reprendia o marido que julgava tivesse perdido o juizo.

«Cala-te (dizia elle), eu bem sei o que faço.»

Como se depreende, a resposta não explicava nada e a mulher cada vez estava mais convencida da maluquice do marido. Nesta convicção narrava a sua desgraça ás vizinhas, pois que o marido todos os dias lhe trazia para casa os bolsos cheios de pedras.

Mas o que mais a preocupava era o fim de tal mysterio.

«Quem sabe (dizia ella) se elle não terá a intenção de me fazer pagar as arrelias que lhe tenho causado durante tantos anos!...»

Observou, porem, que as pedras começavam a ser menos e iam diminuindo gradualmente. Refeita do susto, contou ás vizinhas que seu marido ia melhorando.

O que é certo é que dentro em pouco, de louco como ella suspeitava, seu marido parecia agora um santo, pois não sahia da sua boca uma palavra inconveniente.

Tu, que tantas vezes tens sido causa das dores e angustias de tua esposa, escandalo de teus innocentes filhos e assunto de conversa para teus visinhos, não precisas de romper os bolsos com pedras. Basta que faças uma confissão nos devidos termos e serás a alegria do lar domestico, cuja honra, bem estar e reputação dependem do teu procedimento

O mysterio da solidariedade humana

Nos arredores d'uma cidade, depois da missa do domingo:

—A tua vinha está atacada e perdida pelo mildio?

Bastante. E a tua?

—Infelizmente, muito, tambem. —Ora ahí está: tu vais á egreja sempre e eu nunca e afinal somos perante Deus iguais na desgraça.

—Ah! meu caro amigo, o que poderá é a falta do cumprimento dos teus deveres para com Deus, ser a causa da minha infelicidade e da tua.

Bastam os pecados de alguns para atraiem do ceu o castigo sobre uma povoação.

Neste mundo, o innocente e o culpado são ás vezes confundidos na mesma prova.

Deus dá, é verdade, neste mundo alguma recompensa a uns e algum castigo aos outros mas só depois desta vida é que Elle dará, e para sempre, a cada um o que rigorosamente merecer.

O TERÇO EM FAMILIA

«Há anos (diz Braz Alves, citado pelo Mensageiro do S. Rosario, de Uberaba-Minas-Brazil), quando em viagem pela Belgica — tive a oportunidade de me hospedar em casa de uma das familias mais ricas e nobres duma importante cidade.

Depois do almoço, disse-me a dona da casa: «Senhor Padre, a nossa ceia é ás sete da tarde, para o que V. Rev.ª nos dará a honra da sua presença. Um quarto de hora antes dá-se um sinal com a campainha, mas V. Rev.ª não precisa de se incomodar.

E' o sinal para o terço que, todas as tardes, costumamos rezar em comum com todas as pessoas de casa.»

Eu porem — continua o sacerdote — ao ouvir o toque da campainha, não pude resistir ao desejo de assistir áquele terço em familia e dirigi-me para a sala de jantar

Espectaculo edificante!

Lá estava o rico e nobre senhor ajoelhado, tendo a seu lado os filhos. Lá estava a dona da casa ajoelhada com suas filhas.

Lá estavam os creados e creadas todas, excepto apenas a que tinha de preparar a ceia.

O nobre senhor rezava o terço adiante e os outros respondiam em côro, devotamente, como filhos do mesmo pae do Ceu não obstante a grande diferença de posição social.

Eu tambem me ajoelhei e rezei juntamente. E o que senti em minha alma, durante essa oração, impossivel é descreve-lo. Somentes posso dizer que áquele terço o rezei bem, rezei-o fervorosamente pelos meus paroquianos, e pensei comigo se eu soubesse que em todas as familias da minha parochia, todas as noites, se rezava o terço em comum e tão devotamente como nesta familia, creio que eu seria o mais feliz dos parocos.

Belo exemplo, sem duvida! Uma familia sinceramente catolica sobre a qual não de descer em abundancia as bençãos de Deus, pois é impossivel que o Ceu não se comova á vista do spectaculo consolador duma familia inteira diariamente prostrada em fervorosa e santa oração.»

Graças a Deus ha em Portugal, e em especial na nossa Diocese, muitas fre-

guesias, inteiras, onde quasi não ha familia onde se não reze o terço em comum, sobretudo no tempo em que os serviços agricolas são menos intensos.

A' ida e volta do trabalho e até durante ele, lá pelo meio dos campos, ha muito quem o reze.

Talvez dahi venha a manifesta protecção de N. Senhora á nossa querida Patria e o seu aparecimento aos pastornhos d'Aljustrel.

A MISSA DUM SANTO

Levaram um dia a S. Filipe Nery quatro judeus para este os converter. O santo acolheu-os com muitas caricias sem lhes tocar em religião.

Passados alguns dias pediu-lhes que se encomendassem ao Deus de Abrahão, de Isaac e de Jacob para que lhes inspirasse o conhecimento da verdadeira fé. Depois, levado por um grande amor de Deus, acrescentou: «eu amanhã, á Missa, pedirei por vós e farei violencia a Deus.» A uma outra pessoa disse elle: «Amanhã, durante a Missa, vão dizer o sim.»

Veio o outro dia mas os judeus estavam mais renitentes que nunca e até, depois de muitas horas de discussão, sentiram-se mais firmes na sua opinião. Mas, coisa admiravel, durante a Missa de S. Filipe Nery, sentiram-se subitamente mudados e cheios de alegria, pediram para se fazerem cristãos.

Agora, escolha...

A doente. — Meu caro doutor, seja franco e avise-me em caso de perigo.

O medico. — Não me atrevera a dizer-lho, mas já que m'o pede, serei franco.

O medico. — O seu caso é muito grave.

A doente. — Espero que me dará um remedio energico.

O medico. — Assim o desejo, e o meu primeiro conselho é que se confesse.

A doente. — Então parece-lhe que isto está perdido?

O medico. — Perdido não, mas está em grave perigo.

A doente. — Olhe, doutor: isso de confissão, tanto se me dá como se me deu. Para mim todas as religiões são boas.

O medico. — Não quero agora discutir isso. Olhe: aqui tem uma lista de remedios. Faça favor de escolher, e com urgencia, o que lhe parecer melhor.

A doente. — Escolher? Eu? Mas como hei de saber o que mais me convém?

O medico. — Ora, adeus! Escolha um qualquer, porque se todas as religiões são boas para a sua alma todos os remedios devem ser bons para o seu corpo.

LIVROS PROIBIDOS

Pedro — Isto de prohibir a leitura de certos livros e pô-los no *index* é uma barbaridade incrível e uma offensa sem nome á nossa liberdade natural: Se eu fosse Papa acabava com tal prohibição.

João. — Dá-me licença para este offerer este livro a sua filha?

Pedro folheia-o e acha que é obsceno.

— Como se atreve o senhor a propôr-me uma coisa destas?

João — Dá-me licença para offerer este livro a sua filha?

Pedro folheia-o e acha que é obsceno. cente não posso permitir que leia taes porcarias.

João — E então queria que o Papa, que é pae espirital de todos os innocentes, o permitisse?

Vaidade é seguir os appetites da carne, e desejar o que depois há-de ser motivo de arrependimento e grave castigo.

Vaidade é esperar e desejar vida longa, e cuidar pouco de que seja boa.

Vaidade é sómente atender a esta vida, e não prevenir para a futura.

Muito obra quem muito ama.
Muito faz quem tudo faz bem.

(Da Imitação de Cristo)